

PROJETO: INCERTEZAS CRÍTICAS

DURAÇÃO: 26 MINUTOS

PERSONAGEM: RICHARD SENNETT

BIOGRAFIA: Sociólogo americano, ensina na London School of Economics e na New York University.

INT. CASA DE RICHARD SENNETT / DIA

BLOCO 1

NARRADOR

Richard Sennet é professor de Sociologia na London School of Economics e de Humanidades na New York University. Autor de diversos livros importantes para entender o mundo contemporâneo, nesse bloco ele vai falar do ressurgimento do nacionalismo na Europa, das relações de trabalho no século XXI e de como funciona o capitalismo atual.

RICHARD SENNET

Bem, eu diria que essa crise é um pouco diferente das crises que ocorreram no século 20. O capitalismo sempre tem crises, de uma maneira ou outra. O diferente dessa crise é que a dominância das finanças sobre o capitalismo moderno é muito maior do que era no século 20. Até mesmo na Grande Depressão dos anos 30, que começou como uma crise financeira, existiam fatores subjacentes em relação à produção e à organização da compra nos mercados, muito diferentes dos que temos hoje. As finanças se transformaram em um mundo fechado em si próprio, separado da economia real.

FOTO: Capa do livro “O Declínio do Homem Público”

FOTO: Capa do livro “A corrosão do caráter”

FOTO: Capa do Wall Street Journal de 16 de Setembro de 2008

FOTO: Migrant Mother de Dorothea Lange

Quando ela entra em colapso, poucas coisas podem ser feitas de forma tradicional para deixá-la saudável novamente. Faz um efeito fantástico, como sabemos, na economia real, mas os aspectos de recuperação da economia real que são danificados por esse setor financeiro não voltam com força nas finanças. Isso está muito longe de afirmar... Na minha opinião, isso que chamamos de crise financeira é na verdade o início de um declínio global a longo prazo do capitalismo. Temos essencialmente um sistema que é feito para 1% das pessoas. Isso não será corrigido com mudanças em outros campos da economia.

Minha previsão é que teremos crises sérias como essa, em períodos cada vez mais curtos. A menos que possamos reconfigurar radicalmente a natureza do capitalismo, particularmente do capitalismo financeiro, o que teremos, na minha opinião, é um período longo de talvez até 30 anos, que será como um vulcão com abalos cada vez maiores. E não poderá se recuperar sozinho. Nesse sentido, não é parecido com o que aconteceu no passado. Quando Marx escreveu sobre... ele nunca usou a palavra “capitalismo”, mas quando escreveu sobre mudanças na economia capitalista, ele supôs que as crises e as contradições do capitalismo estariam todas relacionadas à

FOTO: Manifestante do Occupy Wallstreet

FOTO: Karl Marx

FOTO: Capa de “O Capital”, de Karl Marx

extração da mais-valia. Isso ainda existe, mas há um mundo bem diferente operando hoje em dia, no qual esse tipo de crise dá lugar a crises sem solução.

Aqui há a intersecção entre o social e o econômico. A parte ruim é que aquele 1% do topo pode lucrar com a crise. Muita gente ficou rica durante a crise de 2008. O incentivo para consertar o sistema também diminuiu. Acredito que será uma jornada longa. Não gosto de usar a palavra crise, acho que será um estado quase permanente de crise. No ocidente, sem dúvida. Acredito que no Brasil, vocês tiveram um crescimento maravilhoso de certa forma, com base principalmente na venda e desenvolvimento de recursos. Porém, se isso levar à economia para o caminho de tentar se tornar um *player* financeiro, ficarão presos na mesma crise. Eu vejo como uma paralisia, e não uma crise.

Não acho que seja inevitável. Acho que até mesmo no ocidente, um país como a Alemanha consegue se proteger internamente. É uma economia muito mais equilibrada, que tem muita produção. Acredito que para vocês, como eu disse, no Brasil, existe escolha.

ENTRA VINHETA: “Todos os países serão afetados?”

A escolha de seguir o caminho neoliberal ou não. Caso sigam, vocês farão parte dessa crise. É uma escolha de como organizar a vida econômica e social também. Como sabem, nos países ocidentais, o advento do capitalismo financeiro neoliberal significou o aumento da desigualdade. Existe uma estagnação da riqueza para as pessoas nos EUA e na Grã-Bretanha, ao longo de 30 anos. O governo pode escolher deixar a classe média estagnada, sabe? Ou pode ser forçado a optar por não deixar a classe média ficar estagnada. Portanto, creio que não há nada de inevitável nisso, mas exige uma verdadeira consciência crítica sobre o funcionamento do sistema capitalista atualmente.

Muitas coisas mudaram. Uma delas é que o tempo do capitalismo moderno é muito mais curto. Isso tem a ver com as finanças, em parte, já que a medida de sucesso no capitalismo hoje não é mais o lucro e a perda, e sim os preços das ações e títulos. E o mercado global de ações e títulos é de curto prazo. A meta não é o lucro a longo prazo. Um financista inteligente é capaz de ganhar muito dinheiro reduzindo as ações, eu seja, ele ganha dinheiro diminuindo as ações. Esse espaço de tempo reduzido tornou as instituições, as instituições de trabalho, mais preparadas para lidar com as coisas

ENTRA VINHETA: “Novas formas de trabalho”

a curto prazo e as tornou mais instáveis. E um efeito colateral disso é que as próprias condições de trabalho se tornaram, para a burguesia, muito mais instáveis. Em alguns países, isso também acontece com a classe trabalhadora qualificada. Os EUA, por exemplo, tinham até os anos 90 uma classe trabalhadora na qual as pessoas não trocavam de emprego com frequência. Era uma classe estável, de alguma forma, mas era possível planejar a longo prazo com base na situação econômica. Agora, isso acabou.

Isso é um fator importante. Temos empresas que, em resposta ao mercado de capitais, tornam-se cada vez mais instáveis, mudam sua identidade e características, as relações com os funcionários passam a ser de curto prazo. Eu diria que as consequências sociais disso afetam as relações pessoais nas empresas. Questões de confiança e de autoridade no ambiente de trabalho passam por uma certa crise. Tentei demonstrar em meus livros como o triângulo social de autoridade, confiança informal e cooperação com os outros trabalhadores é prejudicada por essa mudança no tempo. Essa é uma grande questão. A outra, claro, é a tecnologia. Para mim, a coisa mais preocupante na forma como a revolução tecnológica tomou conta do trabalho capitalista é uma volta ao Fordismo. A tecnologia permite uma enorme

Capa do livro Juntos, de Richard Sennett

Foto de Henry Ford

flexibilidade e liberdade, porém, é usada para uma padronização cada vez maior. As próprias empresas de tecnologia estão monopolizando. É incrível a rapidez com que temos duas ou três empresas de tecnologia dominantes, que quase monopolizam o que fazem. Embora o software que está potencialmente disponível seja muito amplo. Esse é outro problema do capitalismo. Na minha opinião, o lado bom do que está mudando no trabalho é a migração. Acho isso uma coisa boa. Estou muito envolvido politicamente nisso. Acho que deveríamos ter fronteiras abertas. E que as pessoas não deveriam ser oprimidas pela local onde nasceram. Falam da crise grega e dizem que todos vão deixar o país. Se você for um jovem grego, não deveria fazer isso? Ir para o Brasil, para a China? É claro! Já que é possível se mudar, e já que o sistema em lugares como a Grécia e agora a Espanha, não dá esperança para o futuro dos jovens, é claro que deveriam ir embora. É um preço alto a pagar, de certa forma, culturalmente, mas a ideia de que as pessoas fiquem presas ao lugar onde nasceram é terrível. O fato de ser possível se mudar me parece uma forma de liberdade, o que é bom. Talvez eu diga isso porque cresci nos EUA, que era, até a segunda... não, a primeira guerra mundial, um lugar muito hospitaleiro

Foto de uma linha de produção fordista Galpão com modelos T

para estrangeiros. Eles tinham uma vida melhor e o país cresceu por causa deles. Portanto, espero que grego vire a sua segunda língua.

Com certeza. Quero dizer, aqui na Grã-Bretanha esse é o caso, certamente. É um problema que já enfrentamos. Digo, na Grã-Bretanha, temos de certa forma um sistema de fronteiras abertas porque qualquer cidadão dos países da União Europeia pode entrar aqui. Recebemos muitos trabalhadores poloneses na década de 90. Isso gerou uma reação da classe trabalhadora branca e cristã contra eles, mas ao mesmo tempo foi uma provocação a esses trabalhadores para que pensassem se estavam fazendo um bom trabalho e o que queriam fazer de suas vidas. E todos ganhavam, com algumas exceções, salários equivalentes. Portanto, não era uma exploração dos poloneses, eles tinham uma ética de trabalho diferente. Acho que isso pode se resolver e se tornar uma coisa boa. E já que a Grã-Bretanha está em declínio, acho que essa grande de massa de jovens desempregados, em vez de ficar aqui e se arrepender, os jovens deveriam migrar. Digo isso porque.... Sou muito velho, mas se eu tivesse 20 anos, não gostaria de passar a juventude e a meia-idade sentindo arrependimento.

VINHETA: “Os nacionalismos renasceram?”

A pior coisa na vida é pensar... “Se eu tivesse a oportunidade...” O sistema capitalista é um monstro. Eu gostaria de ver as pessoas da sua idade reagindo a ele com agressividade. Isso pode levar a algumas escolhas difíceis, mas que podem evitar essa sensação de arrependimento infinito.

ENTRA VINHETA PRO COMERCIAL

BLOCO 2:

NARRADOR

Neste bloco, Richard Sennett vai falar do novo perfil das cidades no século XXI, de como é viver em Londres e qual é o perfil e o futuro da juventude contemporânea.

RICHARD SENNETT

Bem, essa é uma questão muito importante. Eu estou voltando a essa questão agora. Passei 15 anos escrevendo sobre trabalho; não só críticas ao capitalismo, também escrevi um livro sobre trabalho manual, principalmente fora do ambiente urbano. Agora, estou voltando a essa questão. A coisa mais preocupante para mim é o Fordismo que foi herdado no neoliberalismo. Isso também afeta o planejamento das cidades De forma que surgem imensos blocos de prédios novos, que são uniformes, quase não têm complexidade e são homogêneos. Não têm muito espaço para a diversidade, não só de classes, mas de finalidade. É a volta das cidades no modelo do Fordismo. Isso é evidente especialmente na China, onde foram construídos.... Hoje, os chineses sabem que criaram um desastre urbano para si próprios.

ENTRA VINHETA DE RETORNO DO PROGRAMA

VINHETA: “As Cidades do Século XXI”

Capa do livro “O Artífice”, de Richard Sennett

FOTO: Prédios em Hong Kong

FOTO: Cidades vazias na China

São enormes blocos de torres residenciais uniformes, sem espaços sociais. São como dormitórios. A questão é, e aqui há a intersecção com o capitalismo, como podemos conseguir maneiras diferenciadas de construir cidades, nas quais pessoas sem dinheiro sejam capazes de projetar suas casas e criar comunidades. Meu instituto aqui realiza muitos trabalhos em favelas por essa razão. Porque eles têm algo a ensinar aos arquitetos. Trabalhamos com planejamento urbano. Em vez de olharmos apenas para a miséria, queremos aprender com as práticas de moradia das pessoas das favelas. Eles têm algo a ensinar a outras pessoas sobre como criar uma rua prática, como lidar com problemas de segurança, como planejar a longo prazo, como acrescentar algo a prédios que já existem, etc. Isso pode parecer perverso para você, mas a alternativa a isso são as moradias imponentes, que especialmente para os pobres são muito opressivas e pouco funcionais. Mas, de qualquer maneira, acho que são os mesmos problemas que atingem os empregos e as moradias das pessoas no capitalismo. A mesma combinação de insegurança e homogeneidade.

Uma parte é horrível e uma parte é boa. A parte horrível é fácil de imaginar, é a burguesia tirando os pobres do centro da cidade.

FOTO: Favela

VINHETA: “Como é morar em Londres?”

Na periferia, o interessante é que a gentrificação praticamente parou. Isso ocorre porque a demanda por moradias burguesas em Londres é majoritariamente internacional, é fuga de capitais. Não são pessoas que fazem gentrificação. Conforme a economia local desacelera, a gentrificação perde a força. O resultado disso é que muitas comunidades das periferias estão tendo a chance de respirar um pouco e de realizar bons planejamentos e construções sem muito recursos.

É preciso pensar em Londres como duas cidades. Há a cidade da fuga de capitais. E há uma outra cidade, que está em declínio. Nesse declínio, está abrindo alguns espaços para a classe trabalhadora, em especial. Para que comecem, de maneira muito lenta e modesta, reconstituir os espaços nos quais moram e trabalham. Eu dei um exemplo disso. Na cidade da fuga de capitais, quase todas as lojas são de marcas globais porque se você é um saudita ou um grego “fugindo” para Londres, não quer comer a comida local, não quer ir na loja da esquina com funcionários asiáticos imigrantes. Você quer aquilo que é familiar, quer o padrão. Enquanto nessas comunidades que não são atrativas para visitantes globais, os negócios pequenos estão crescendo, na verdade.

Isso se aplica talvez a 2 milhões dentre as 8 milhões de pessoas que vivem aqui. Temos menos problemas porque há muita gente de classe média baixa e classe trabalhadora vivendo muito próximas, em Londres. Temos menos problemas étnicos e raciais do tipo violento do que no restante da Grã-Bretanha, onde são mais segregados. Aqui, não há tanta segregação residencial. Existem problemas, certamente. Mas o nível de violência e crime é menor. Portanto, tenho esperanças quanto a isso. De que a cidade que não brilha, sabe a cidade que ninguém conhece, ganhe vida própria.

O Fordismo é isso, ele faz isso. Ele estabelece uma homogeneidade global. Em um nível mais abstrato, estamos falando de fenômenos; porém, em um nível mais abstrato, o que acontece na sociedade moderna é uma grande crítica ao temor que, digamos, pessoas como Horkheimer e Adorno tinham nos anos 30. De que sob a superfície da racionalidade da sociedade moderna exista uma enorme carga de raiva irracional. Analisando de forma teórica, o que precisamos realmente entender é como os instrumentos da racionalidade estão produzindo hoje um regime no qual, curiosamente, não existe paixão. A ideia de uma explosão racional, de greves em massa, etc.

VINHETA: “As cidades estão ficando iguais?”

FOTO: Horkheimer e Adorno
FOTO: Capa do livro “Dialética do Esclarecimento”, de Adorno e Horkheimer
FOTO: Theodor Adorno

Não vemos isso em Wall Street, ninguém faz uma greve. Não vemos isso em Londres. As pessoas que participaram dos movimentos *Occupy* não eram pessoas que faziam parte no sistema. O sistema tem a capacidade de pacificar. Eu penso nisso também no que diz respeito às moradias. Aqueles enormes conjuntos habitacionais uniformes, as lojas da Starbucks, da Gucci e tudo mais. São todos instrumentos de pacificação. O nível de excitação é baixo, sabe? Portanto, no nível teórico, precisamos entender que talvez essa seja uma nova fase de racionalização. Não é uma fase que provoque aquele outro tipo da raiva nazista cega, ou qualquer coisa assim. Esse tipo de sistema é um sistema que normaliza a ideia de passividade. Talvez as pessoas se revoltam contra isso ou não, mas é outro tipo.... Sabe, o diálogo que, principalmente Horkheimer tinha em mente, entre racionalização e violência foi substituído por outra coisa. Se você fosse um filósofo social, eu sei que gostaria, isso seria algo a se pensar.

O que eu vejo aqui são pessoas que não acreditam muito que possam obter algo do sistema, que possam receber algo. Isso entre as pessoas da sua idade. Porém, ainda são pegos pelo vício, por uma certa mágoa. Repito isso.

VINHETA: “Os jovens estão pacificados?”

Por isso, admiro as pessoas que não são passivas, que dizem, “Que se dane tudo, eu vou embora daqui!” Sabe? E vejo muita mágoa entre os jovens, não gosto disso. Um dos temas da modernidade do século 19, da modernidade é uma retirada para o campo da estética, da boemia, algo peculiar chamado boemia burguesa. Isso é um certo tropo padrão da modernidade no século 19. Não vejo muito disso ocorrendo, é um tropo maravilhoso. Ao menos, entre os meus alunos aqui. Eles não parecem.... Muitos não têm emprego, mas não se tornam oleiros, produtores de peças ou mecânicos, nem fazendeiros orgânicos, eles não abandonam o sistema. Isso é uma forma de mudança... talvez isso mude, teremos que ver como será isso. Essa é a primeira vez desde a 2ª segunda guerra mundial em que temos uma geração sem futuro no ocidente. Veremos o que vai acontecer, talvez as pessoas fiquem enfurecidas, sim. Eu achei o movimento *Occupy* algo fantástico, maravilhoso. O problema foi conseguir muita gente para a ocupação. Acho que ficou cristalizada uma ideia para muita gente, surpreendentemente, de que as ideologias do neoliberalismo são bobagem. Sabe? Digo, alguém colocou isso em palavras de forma dramática, mas não conseguiram milhares de seguidores. Talvez eles apareçam.

FOTO: Manifestantes do Occupy Wallstreet

VINHETA DE ENCERRAMENTO E CRÉDITOS